

IDENTIDADE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

IDENTITY: A NECESSARY DISCUSSION

Francisco Juceme Rodrigues do Nascimento¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar a obra Identidade do pensador polonês Zygmunt Bauman. Sua reflexão se insere na análise crítica do esvaziamento dos referenciais duradouros na sociedade contemporânea, referendados segundo o pensador, pelo abandono do Estado de bem-estar social, deixando os cidadãos entregues a experiências efêmeras de pertencimento. A razão de ser do texto tem no processo avaliativo do Componente Curricular Valores e Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis sua pertinência e efervescência reflexiva. Para tanto, ampliaremos a reflexão sobre o esvaziamento de sentido através do desencantamento do mundo em Peter Berger e a urgente reconstrução da cultura através dos direitos fundamentais da pessoa humana em Vera Werneck. A nossa expectativa é que o leitor possa compreender os desafios da vida em sociedade como uma construção permanente de significação e que valorizemos o espaço educacional como condição necessária de resgate da única realidade que perpassa a vida e as relações: a condição humana.

Palavras-chave: Condição humana. Identidade. Pertencimento e Valores.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the work Identity of the Polish thinker Zygmunt Bauman. His reflection is part of the critical analysis of the emptying of lasting references in contemporary society, endorsed according to the thinker by the abandonment of the welfare state, leaving citizens delivered to ephemeral experiences of belonging. The text's reason for being lies in the evaluative process of the Curricular Component Values and Education in the Graduate Program in Education at the Catholic University of Petrópolis, its pertinence and reflective effervescence. To do so, we will expand the reflection on the emptying of meaning through the disenchantment of the world in Peter Berger and the urgent reconstruction of culture through the fundamental rights of the human person in Vera Werneck. Our expectation is that the reader can understand the challenges of life in society as a permanent construction of meaning and that we value the educational space as necessary condition for rescuing the only reality that permeates life and relationships: the human condition.

Keywords: Human condition, Identity, Belonging and Values.

¹Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ Professor da Educação Básica e Tecnológica do IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba.

INTRODUÇÃO

Ainda empolgado com a seleção no Programa de Pós-Graduação em Humanidades na Universidade Católica de Petrópolis, no Curso de Doutorado em Educação, dirigia-me até a secretaria para confirmar a minha matrícula nas disciplinas neste semestre letivo, justificando que não iria cursar o Componente Curricular de Valores e Educação, pois não sabia se chegaria em tempo, diante do percurso de Juiz de Fora-MG até Petrópolis-RJ.

A jovem atendente gentilmente interrompeu-me, pedindo que fosse até a aula e conversasse com o professor, e depois voltasse para confirmar a matrícula. A acolhida do professor e da turma foi maravilhosa. A proposta curricular convidava-nos a diversas leituras e partilhas de entendimentos na perspectiva da cultura e dos valores humanos em construção.

A teoria geral dos valores apresentada pela filosofia contemporânea refletia sobre a formação para a cidadania e para a promoção dos direitos universais. A proposta do curso tinha como referencial teórico, o livro da professora Vera Werneck: *Cultura e Valor*. O arcabouço epistemológico perpassava uma releitura sobre a educação e os valores no mundo contemporâneo. Autores como P. Goergen, Zygmunt Bauman, Miguel Reale, Naval-Duran e J. Hessen estavam entre os textos de aprofundamento.

Entre as referências, escolhi o livro do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, *Identidade*. Texto produzido a partir de entrevistas, via e-mail entre o pensador e o jornalista Benedetto Vecchi, traduzido por Carlos Alberto Medeiros e publicado pela editora Zahar em 2005.

Ler Bauman é entre outras façanhas, uma aventura desconcertante. Por mais que sejamos convictos, ele consegue “abalar as nossas crenças fundamentais” (VECCHI, 2005). Aliás, a sua obra é ampla e um convite sempre renovado a um mergulho “num continente cujos mapas eram quase inúteis em se tratando de encontrar direções” (VECCHI, 2005). Como lembra o seu interlocutor através dos diálogos, “uma natureza errante” que através da suas ideias vão nos revelando as conexões da vida na sociedade atual.

Não posso continuar este texto de aprofundamento e aprendizagem sem citar algumas obras deste grande sociólogo: *globalização: as consequências humanas* (1998),

modernidade e holocausto (1998), o mal-estar da pós-modernidade (1998), em busca da política (1999), modernidade líquida (2000), comunidade (2000), amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos (2004), vidas desperdiçadas (2005), identidade (2005), vida líquida (2007), tempos líquidos (2007), a sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas (2008), legisladores e intérpretes (2010), vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna (2011), a ética é possível num mundo de consumidores? (2011), 44 cartas do mundo líquido moderno (2011), entre tantas outras.

Enquanto listava as obras de Bauman, lembrei de O. Ianni e a sua provocação desconcertante sobre a identidade:

O mesmo processo de descrever e interpretar ou representar e imaginar produz uma imagem da realidade, uma visão de mundo. Em geral, dá a impressão de que tudo é presente presentificado, lugar sem raiz, fato sem história nem memória” (2000, p. 130).

Na escolha do texto a ser lido um pouco desta angústia em permanecer firme em valores e princípios que foram-me conduzindo pela vida e através das relações. E na imanência do tempo, uma dose de esquecimento ajuda-me a reconhecer a fragilidade de uma história com poucas raízes e lembranças distantes de um rosto que insiste em olhar em frente, para não dar conta do chão e não revelar o cansaço na busca do horizonte.

Conforme Berger (1997, p. 157), “a discrepância é a condição humana, descrita com precisão por Pascal como o ponto médio entre o infinito e o nada”. Na minha consciência, o convite do pensador racionalista, a construir uma identidade que se distancia do nada, confrontando-me com o infinito.

Quando considero a breve duração da minha vida absorvida na próxima eternidade antes e depois... o pequeno espaço que ocupo e que vejo ser engolido pela infinita imensidão dos espaços de que nada sei e que nada sabem sobre mim, fico amedrontado e surpreso por me ver aqui e não ali, agora e não depois” (PASCAL).

Seria evidente que somos e temos valores? Seria a cidadania uma dura conquista num processo dialético que grita dia-pós-dia por reconhecimento? Qual é o lugar da essência numa sociedade do tempo corrido e marcado por calendários que lembram mais os compromissos econômicos do que as datas festivas? Onde estão os defensores da dignidade humana quando existentes clamam por um pedaço de pão e um pouco de oxigênio na pandemia da indiferença?

Estas e outras perguntas tentaremos encontrar respostas nas reflexões compartilhadas ao longo do curso no segundo semestre de 2022. Este texto é um mosaico de aprendizagem e esperança diante de um contexto que, segundo Bauman revela, de um lado, “o colapso do Estado de bem-estar social”, e do outro; uma “corrosão do caráter” que tem como consequências o esvaziamento das instituições e a privatização da esfera pública.

Identidade: ambivalência entre a necessidade de reconhecimento e utilidade

Inicialmente, o texto lembra que Bauman foi impedido de lecionar na Polônia como consequência do seu envolvimento com o movimento estudantil em 1968 e muda para a Inglaterra, onde foi acolhido como cidadão e professor. De acordo com ele (2005, p. 11), a questão da identidade está ligada a diversos fatores, e entre eles, “ao crescimento da sensação de insegurança” que afeta tanto a identificação com as suas raízes nacionais e familiares, quanto com as ideias e princípios compartilhados na contemporaneidade.

Dialogar com um intelectual que vivenciou os horrores do século XX é uma oportunidade hermenêutica diante do fenômeno chamado globalização. Na nossa pequenez epistemológica, um sopro de sabedoria pode ser uma alternativa civilizatória diante de uma sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades. As perguntas existenciais: “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?”, parecem soterradas numa ambivalência entre a necessidade de reconhecimento e utilidade.

Mas quem é este pensador? Qual é a sua contribuição para o nosso tempo? Qual é o chão e o lugar em que o encontramos no mundo? Nas suas palavras, “numa sociedade que se tornou líquida, qualquer tentativa de solidificar a realidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (2005, p. 12).

Zygmunt Bauman nasceu em 1925 numa família judia polonesa. Na sua trajetória, tendo escapado para a União Soviética no início da Segunda Guerra Mundial, alistou no exército polonês aliado ao Exército Vermelho e com ele enfrentou o nazismo. Uma pessoa com uma “capacidade de olhar o mundo de frente, sem recorrer a ideologias preconcebidas (2005, p. 9)”.

Essa contínua transgressão de fronteiras permitia-lhes espiar a inventividade e a engenhosidade humanas por trás das sólidas e solenes fachadas de credos aparentemente atemporais e intransponíveis, dando-lhes assim a coragem necessária para se incorporar intencionalmente à criação

cultural, conscientes dos riscos e armadilhas que sabidamente cercam todas as expansões ilimitadas” (2005, p. 20).

Antes de continuar, cabe lembrar que este pensador busca fazer uma análise da sociedade europeia e o esvaziamento do que ele chamou sólido no processo de formação do nosso pensamento e das relações humanas no interior das instituições. Entre os conceitos em desconstrução pela velocidade de um materialismo que corrói a memória e os alicerces de uma existência significativa, encontramos o conceito de identidade.

Ele reforça que na nossa época líquido-moderna, o mundo na nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Daí a importância de novas ferramentas de entendimento que segundo Vecchi (2005, p. 7) possibilita “na ausência da pressão do tempo e do face à face, pausas para reflexão, pedidos de esclarecimento e pequenos desvios visando o entendimento entre as pessoas”.

O diálogo é iniciado com o dilema sobre a escolha do hino a ser escolhido como expressão de uma realidade, que segundo Bauman está em constante cisão e com o perigo de uma exclusão na perspectiva da identidade. O conflito é resolvido numa perspectiva híbrida. Entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia como reconhecimento do pertencimento, a possibilidade do símbolo europeu como expressão de fraternidade.

Segundo Bauman (2005), existe uma razão para esta discussão na atualidade. “A ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de recriar a realidade” (p. 26).

As identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas na nossa volta, sendo preciso estar alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (2005, p. 19).

As comunidades existentes neste contexto seriam, segundo o pensador polonês, por um lado, de vida e de destino, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta e no outro, fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.

Segundo o autor de identidade, pertencente e identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. Bauman lembra que a sabedoria popular foi rápida em perceber os novos requisitos de uma existência em constante construção. No livro, ele comenta sobre um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim em 1994 que ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo.

O seu Cristo é judeu. O seu carro é japonês. A sua pizza é italiana. A sua democracia é grega. O seu café, brasileiro. O seu feriado, turco. Os seus algarismos, arábicos. As suas letras latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 33).

O processo de marginalização humana através da política da identidade como instrumentalização da globalização encontra na linguagem como “arbitrário cultural” uma ferramenta de distanciamento com a compreensão crítica. O que antes era uma essência, passa no contexto da pós-modernidade a ser uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação.

Na luta por sobrevivência num contexto competitivo recusa ser devorado, buscando alternativas de transformar o medo da eliminação em alternativas de reconhecimento social. Segundo Heidegger: “Você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e da sua contemplação quando ela se desvanece, fracassa, começa a se comportar estranhamente ou o decepciona de alguma outra forma (BAUMAN, 2005, p. 23)”.

O que para o pensador polonês tem uma razão de ser neste contexto (BAUMAN 2005, p. 95),

As forças globais descontroladas e destrutivas se nutrem da fragmentação do palco político e da cisão de uma política potencialmente global num conjunto de egoísmos locais numa disputa sem fim, barganhando por uma fatia maior das migalhas que caem da mesa festiva dos barões assaltantes globais. Qualquer um que defenda identidades locais como um antídoto contra os malefícios dos globalizadores está a jogar o jogo deles – e está nas mãos deles”.

No contexto de uma sociedade do espetáculo, as comunidades são desfeitas na velocidade da utilidade esperada pelos espectadores, como guarda-roupas onde apanham os seus casacos nos cabides” (p.37). Em tempos de oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, o duradouro simplesmente não funciona. Segundo ele, a ideia de um mundo melhor, se é que surgiu, se encolheu diante da defesa de causas atuais relacionadas a grupos e categorias.

O que antes era uma luta por justiça social, na sociedade líquida, foi reduzida a batalhas por reconhecimento (2005, p. 40)

Muitos pisos de fábricas e corredores de escritórios tornaram-se palco de uma competição acirrada entre indivíduos lutando para que os chefes os percebam e os contemplem com um aceno de aprovação – em vez de serem, como no passado, estufas de solidariedade proletária na luta por uma sociedade melhor.

Quando a identidade perde as âncoras sociais e a sua identificação passa a ser negociável entre indivíduos que buscam desesperadamente uma referência comum, em cenários móveis e velozes, manter-se vivo por um momento é uma exigência. Uma vez fragilizado na sua essência, passa a buscar desesperadamente um pouco de segurança em meio às ambiguidades que flutuam sem apoio num espaço de pouca definição existencial.

De acordo com BAUMAN (2005), a globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. Neste contexto de esvaziamento das estruturas democráticas e do abandono das pessoas vulneráveis, a injustiça passa a ser justificada no cenário político.

Estão criadas as condições para o esvaziamento das instituições democráticas e para a privatização da esfera pública, que parece cada vez mais um talk-show em que todo mundo vocifera as suas próprias justificativas sem jamais conseguir produzir efeito sobre a injustiça e a falta de liberdade existentes no mundo moderno”.

O Estado, que deveria proteger e cuidar dos seus cidadãos, passa a definir, classificar, segregar, separar e selecionar os privilegiados e excluídos em uma padronização social. Conforme BAUMAN (2005, p. 28), “o pertencimento teria perdido o seu brilho e o seu poder de sedução, com a sua função integradora, se não fosse constantemente seletivo nem alimentado e revigorado pela ameaça e prática de exclusão”.

O que seria inaceitável numa perspectiva filosófica, quando aborda a questão da identidade como unidade da substância, enquanto reconhecimento explícito deste princípio ontológico. No momento que a contemporaneidade reduz a identificação a um processo de agregação ideológica, existir como subclasse passa a definir a ausência do rosto, como negação de uma preocupação moral e cidadã.

Conforme BAUMAN (2005, P. 45), você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas.

Se você foi destinado à subclasse (ao abandonar a escola, é mãe solteira, vivendo de previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo, ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista social dos que são considerados adequados e admissíveis, qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori”.

As consequências são inevitáveis. Passamos a procurar a redenção na quantidade. Escravos do tempo e movidos pelo descarte, o desengajamento constante

com as ansiedades que exalam, movimentam um individualismo em excesso. Neste quadro improvável, os protótipos e referências acerca da complexidade do mundo e da experiência humana são secularizados.

O encantamento com o mundo e a presença do sagrado que transforma a vida num milagre parece que perdeu o seu brilho na sociedade do espetáculo. É claro que existem discursos e grupos usando antigos conceitos, mas repletos de interpretações contraditórias com os princípios e garantias da inviolabilidade da existência. Os diferentes significados associados ao uso do termo identidade contribuem para minar as bases do pensamento universalista” (BAUMAN 2005, p. 85). As relações facilitadas pela tecnologia ampliam um arbitrário cultural que exclui o vizinho e transforma os filhos em órfãos, por mais que vivam na mesma casa.

O vazio sobrenatural no ser humano

Para Bauman (2005, p. 79), “num ambiente fluido, em constante mudança, a ideia de eternidade não tem fundamento na experiência humana”. O sagrado, como compreensão da totalidade em harmonia, passa a ser um reflexo dessa experiência de desamparo social.

O que a mente moderna fez, contudo, foi tornar Deus irrelevante para os assuntos humanos na Terra”. A autoridade do sagrado e, de modo mais geral, nossa preocupação com a eternidade e os valores eternos, foram as suas primeiras e mais proeminentes baixas. A preocupação com o agora não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele.

No final do século XX, Berger (1997, p. 19), lembra que “se há uma coisa em que os comentaristas da situação contemporânea da religião concordam é o afastamento do sobrenatural do mundo moderno”. Segundo o sociólogo da religião, as diferentes percepções deste esvaziamento de sentido invadem as tradições de fé, com graus de intensidade diversas.

Enquanto o pensamento protestante aberto ao processo de secularização é mais afetado na sua relação com as circunstâncias sociais, a tradição católica ao encarar a modernidade com suspeita mantém uma eficiência no trato com o processo chamado por ele, de “desencantamento do mundo”.

Segundo Berger (1997, p. 43), “as escolhas na realidade raramente são puras, mas para se entender o meio-termo é útil imaginar os extremos”. Segundo ele, quando as pessoas optam por viver nesta espécie de segregação da grande sociedade, “a escolha

em persistir neste desafiador separatismo cognitivo requer necessariamente também formar outras formas de organização social”. Neste contexto, as pessoas podem ser empurradas aos guetos, ou podem optar por viver neles.

Na época, Berger lembrava das razões para se pensar nos bolsões de religião dentro da sociedade (p. 55). Como reforça Albert Camus: “num tempo de pestilência, aprendamos haver mais coisas a admirar nos homens que a desprezar”. (p. 88).

Conforme Berger (1997, p. 91), “os homens acreditaram que a ordem criada da sociedade, de uma maneira ou de outra, corresponde a uma ordem subjacente do universo, uma ordem divina que sustenta e justifica todas as tentativas humanas de pôr ordem”.

Para ele, “a miséria humana da pobreza do Terceiro Mundo e a sua opressão” desafia uma visão uniforme da identidade humana na sua universalidade (p. 175). Num mundo marcado pela competição, o território das escolhas parece definir as nossas existências e possibilidades.

“Embora poder e virtude tenham estado em tensão desde que os seres humanos começaram a refletir sobre a sua condição, existem alguns aspectos novos nesta tensão no período moderno” (1997, p. 185). Segundo Berger (1997, p. 188), devemos calcular a conveniência de meios disponíveis a fins desejados, ver as probabilidades do sucesso, procurar prever as consequências. Mais ainda, “não é preciso dizer que agora passamos de um mundo de certezas morais para uma realidade de incerteza e relatividade”.

A desigualdade como tragédia evitável

Para Werneck (2003, p. 64), “o homem carente do valor absoluto tende naturalmente para as suas múltiplas manifestações. Esta tendência, no entanto, não se faz de modo instintivo, realizando a sua animalidade, mas segundo a sua humanidade”.

No diálogo com Bauman (2005), Werneck resgata o sentido de identidade como respeito pela vida, pela verdade, pela beleza, pelo bem e pela pessoa, manifestando o que há de transcendente através do sentido de valor. Segundo ela (2003, p. 59), “a ideia da dignidade da pessoa humana e a sua dimensão ética são fundamentais e aparecem de modo não explícito na própria Declaração Universal dos Direitos do Homem”.

De acordo com Werneck (p. 69), “a noção de respeito pode ser considerada o primeiro sentimento do homem ao perceber-se ente incompleto que tem o dever de completar-se, de crescer, de tornar-se cada vez mais “pessoa”. Dependemos uns dos outros diante de uma vulnerabilidade comum, onde a segurança desejada coloca-nos num dilema existencial: renunciar à liberdade por uma porção de identidade. Para Bauman, “distração é suicídio, vigilância é a ordem do dia”. Os que são privados da dignidade humana, olham à distância a festa do consumo e a despreocupação dos abastados, e humilhados lutam contra a inveja e o ressentimento.

Para HESSEN (1980, p. 17), “o fundamental, o primário, não é o fim, mas sim o valor”. Para ele, “a realidade não contém para a inteligência humana sequer um ponto de sombra que não possa ser dissipado” (p. 14). O seu recheio é feito de luz; o seu conteúdo sempre exatamente divisível pela razão. O desvalor não tem de ser.

Na proposição de Bauman 2005, p. 44,

Os nossos filhos precisam aprender, desde cedo, a ver as desigualdades entre os seus próprios destinos e os de outras crianças, não como vontade de Deus nem como o preço necessário pela eficácia econômica, mas como tragédia evitável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de inteligência artificial com programas que ultrapassam as nossas conexões, o equilíbrio emocional é uma força. A professora Werneck cita Boécio (480-525), para descrever a “substância individual de natureza racional”, enfatizando a sua racionalidade nas relações sociais. Seria o que há de mais perfeito de toda natureza, um animal livre e racional, dando sentido à individualidade humana.

O espírito humano reflete nas suas atividades as concepções de mundo projetadas no olhar que contempla o universo, uma extensão existencial em ampliação. Os sentimentos irradiam valores axiológicos gravados no coração como seiva vivificante de uma aproximação amorosa (HESSEN, 1980).

E o verbo fez-se vivência através de valores que iluminam o caminho escuro da alma, ressignificando as possibilidades da felicidade. A emoção é caminho movido por atitudes, emitindo razões para apreciar a vida como valor. Nas memórias de Peter Gynt (p. 97), o ser humano obcecado por encontrar a sua verdadeira identidade, resumiu a sua estratégia existencial: tentei fazer o tempo parar – dançando”.

Segundo BAUMAN (2005) apud KANT (p. 85), “há apenas uma exceção a essa regra, a verdadeira e plenamente includente identidade da raça humana”. De acordo com HESSEN citando HARTMANN (1980, p. 28),

A tragédia da vida humana é como a do esfomeado que está sentado à mesa e não ousa estender a mão para ela, por não conseguir ver tudo que se acha posto aí diante dele. Porque o mundo real é o infinito da abundância; a vida real é uma vida saturada e inundada, por todos os lados, de valores que a repassam.

Nas palavras de Merleau Ponty (1974, p. 58), as palavras são sinais que exprimem as cores de um universo que se expande em relações significativas. Para Reale (1996, p. 31), a tomada de consciência do homem enquanto ser humano num processo de devir, segundo o qual cada ser pessoa se realiza na identidade pessoal, como valor-fonte firmado na eticidade da conduta.

Quando perdemos a capacidade de interações com pessoas reais, fugimos para a virtualidade. E corremos o risco de uma cultura do cancelamento, repartida nos horrores da exclusão (p. 100). O consumo apressado e o descarte imediato têm efeitos colaterais desagradáveis. No mercado, somos, simultaneamente, clientes e mercadorias.

No rosto humano a semelhança de Deus. O animal humano é um ser amarrado a teias de significados que vai a tecer pela vida, procurando um significado tatuado na sua corporeidade. O imaginário como força criadora radical vai a decodificar as manifestações de uma jornada identitária.

No convite de HESSEN (1980, p. 6),

Atribuo valor ao pão porque ele me mata a fome; ao vestuário porque me defende do frio. Em ambos os casos, como é evidente, trata-se de necessidades elementares da vida, que são satisfeitas por aqueles gêneros de coisas. Se estas nos parecem valiosas, é porque satisfazem estas necessidades. E assim, podemos inicialmente definir valor como sendo um certo quid que satisfaz uma necessidade. Será valor tudo aquilo que for apropriado a satisfazer determinadas necessidades humanas.

Como ser em relações, os fatores ambientais e históricos são potencialidades que reconfiguram as máscaras no teatro da vida. Em simultâneo, um ente de carências e de valores. Segundo Werneck (2003, p. 59), “enquanto pessoa, o homem é um corpo dotado de racionalidade, de liberdade psicológica e de afetividade, num processo integrador entre saúde física e mental, e capacidade intelectual pelo desenvolvimento da razão e aprimoramento do conhecimento que conduz ao agir consciente e responsável”.

Segundo Werneck (2003), “todo ser humano é, simultaneamente, uma pessoa e uma personalidade” (p. 57). Analisando o ser humano percebemos que ele não se esgota na sua materialidade e na sua individualidade, um dinamismo vivo em constante devir. Como pessoa tem um valor-fonte e o valor-meta, buscando conquistar a dignidade da pessoa humana e viver de acordo com ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS (ABNT). NBR 6023, informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BAUMAN, Zygmunt, 1925-2017. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGER, Peter Ludwig. Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

REALE, Miguel. Paradigmas da cultura contemporânea. São Paulo: Saraiva, 1996.

Werneck. Vera Rudge, Cultura e valor. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HESSEN, Johan. Filosofia dos Valores. 5ª Edição trab. prof. L. Vabral de Moncada, Coimbra, Armenio Amado Editor Sucessor, 1980.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologia. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. O homem e a comunicação. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.

IANNI, Octavio. Teorias da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VERÓN, Eliseo. Ideologia, estrutura e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970.

BARBIER, R. Sobre o imaginário. In: Em aberto. Brasília, ano 14, n. 61. 1994.

REALE, Miguel. Verdade e conjectura. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.